

O SLAM FESTIVAL INDIGENA Campeonato para unir o Norte e Sul

Foto: Divulgação - FLUP



No sábado dia 10 de dezembro de 2022, foi realizada na Rua Bitencourt Sampaio, 181 - Maré, Rio de Janeiro - RJ, no Centro de Artes da Maré, Nova Holanda. A final do Slam Coalkan, com @wescritor, Tupinambá da Baixada Santista, Brasil, Território Indígena! Contou com a organização no palco com, Maryano Maya; CURADORIA SUL: Renata Tupinambá CURADORIA NORTE: Jennifer Alicia Murrin. Os quatro finalistas Poetas Nação/Povo: Sarah Lewis - Canadá - Ojibwe e Cree; Wescritor - Brasil – Tupinambá; Juan Sant - México - El Terrero; Abigail Llanque - Bolívia – Aymara. Jurados: Sallisa Rosa; Fernanda Vieira; Sandro Xukuru; Reinaldo Potiguara; e De Villa; O Vencedor do SLAM COALKAN INDIGENA - foi o Wescritor - Brasil – Tupinambá; Juan Sant. Maiores informações podem ser acessados na página do Evento: <https://www.facebook.com/FlupRJ>



O [Festival SLAM/FLUP](#), segundo os organizadores: “É um festival desde sempre associado à formação de leitores e autores nas periferias, (12) décima segunda edição”. Tem com um histórico: “O lançamento de 28 livros publicados, alguns levando os escritores e poetas que revelamos para países como o Reino Unido, a França e agora o Canadá”. A realização com a participação indígenas, comenta Renata organizadora: “Temos o orgulho de mapear e revelar a primeira geração de talentos literários em nossas periferias, particularmente nas favelas cariocas”.

ABYA YALA SLAM COALKAN - Unindo o Norte e Sul da América

[...] “Essa diversidade de autores e gêneros literários revela o quão abrangente é o conceito de periferia, que por isso mesmo sempre usamos no plural. Reduzir as periferias a um espaço geográfico seria desconhecer o tipo de corpo que habita e transita nesse novo território, que nestes tempos pós-emprego vai muito além do proletariado idealizado pelas esquerdas tradicionais. Um exemplo emblemático seria o fenômeno Fatima Daas, cujo romance de es-Coalkan é o primeiro slam indígena do mundo a [unir povos do Norte e Sul](#) em um campeonato. Ele traz poetas, rappers e artistas indígenas de todo o continente, tomando a palavra como encantaria para fazer denúncias, expressar sentimentos, contar histórias, falar da luta, resistência, traumas coloniais, trazer cura e defender a vida na terra. No palco, artistas originários que vivem na encruzilhada da favela, periferia e aldeia protagonizam uma retomada dos espaços. Pedem proteção às florestas, justiça pelo genocídio da população indígena urbana e das comunidades. Coalkan: uma profecia sobre o pacto entre nações pela proteção da vida. Os povos originários do mundo possuem saberes antigos e um pacto eterno em defesa da Mãe Terra. No continente invadido e batizado pelo colonizador como América, mas conhecido no Sul como Abya Yala, na língua Kuna, que significa “terra madura”, “terra viva”, existem culturas e tradições antigas que carregam profecias sobre a união das diferentes nações indígenas.

Fotos: Divulgação - FLUP



Uma das profecias é a da Águia e do Condor, presente nas narrativas Maia, Inca, da América central, Hopi do Norte, Q'eros do Sul e outras. Quando a águia do norte e o condor do sul voarem juntos é o despertar da Terra. Sacerdotes Maia chamam de profecia de Coalkan e, apesar de existirem relatos e muita mistificação sobre o tema, faz parte da história oral e segredos dessas [populações originárias](#). Coalkan prenuncia uma mensagem sobre consciência coletiva de respeito à natureza diante da destruição de terras sagradas, desmatamento, poluição dos oceanos, lagos e rios. Vem acompanhada do libertar das vozes indígenas silenciadas na colonização de seus territórios, que, ao darem as mãos, mantêm “o céu suspenso”, como diria o ancião Davi Kopenawa no Brasil, sobre as populações tradicionais serem guardiãs e que com canto e dança impedem a queda do céu.

ARTICULAÇÃO DA FLUP

Fotos: Divulgação - FLUP



Realizada por Ecio Salles e Julio Ludemir, a [FLUP](#) foi criada em 2012 com o objetivo de ser um espaço de formação de novos leitores e autores na periferia das grandes cidades brasileiras. Em 2021, chega a sua 10ª edição propondo um diálogo com as nossas maiores conquistas, dentre os quais destacamos a formação de novos autores, a poesia falada e o feminismo negro. Mais um processo do que um evento, a Festa Literária das Periferias inicia suas atividades em abril, lançando livro com 188 mulheres negras que participaram de nossos processos formativos em 2020. [...] “Um festival desde sempre associado à formação de leitores e autores nas periferias, a Flup chega a sua décima segunda edição com um histórico de 28 livros publicados, alguns levando os escritores e poetas que revelamos para países como o Reino Unido, a França e agora o Canadá. Temos o orgulho de mapear e revelar a primeira geração de talentos literários em nossas periferias, particularmente nas favelas cariocas”.

“SETE DIAS: INTENSA TROCA DE AMIZADE”

Foram 7 dias intensos de muitas trocas, novas amizades, fortalecimento de laços, mesas de debates vibrantes, música com [@mostramaredemusica](#), batalhas de poesia com Slam Colegial, [@slam_br](#), [@abyyalapoetryslam](#) e Slam Coalkan, valorização de nossas ancestralidades e no mais, alegria. Alegria pulsante de sentir que juntas somos mais fortes, e juntas vamos mais longe. De mãos dadas, nos apoiando e criando “espaços para reescrever a história do jeito que a gente acredita”, como foi dito na mesa “Combinamos de não morrer”, que encerrou nossa programação com a presença de [@apamelacarvalho](#), [@dacruzvianafernanda](#), [@renatasouzario](#) e [@aniellefranco](#). Encerrando a mesa, o lançamento do livro “Minha irmã e eu: diários, memórias e conversas sobre Marielle”, de Anielle Franco, na Maré, marcou um momento histórico! Como escutamos ao longo desses dias, a literatura pode alterar rotas, a cultura pode mexer com as estruturas sociais, e com isso combater projetos de violência. Mais livros, menos armas! É isso que queremos!

Flup Maré de Periferias foi também a [Flup Quilombo do Lima](#). Uma homenagem ao centenário da morte de Lima Barreto, onde autoras e artistas diversas se reuniram para celebrar e fazer reverberar cada vez mais o legado deste grande escritor. Agradecemos imensamente a todas, todos e todes que estiveram presentes nessa festa linda! E um agradecimento especial a [@redesdamare](#) que nos acolheu em sua casa. Até a próxima!

CO-CURADORA DO SLAM COALKAN - Renata Tupinambá

Foto: Reinaldo Cunha



O ano de 2020 nos jogou em um mundo digital de reuniões, eventos e festivais on-line. Aprendemos muito, rapidamente. Embora tenhamos perdido a energia do evento ao vivo que todos amamos, entrar no mundo on-line ofereceu no - vas oportunidades. Em particular, ofereceu a possibilidade de transcender fronteiras e conectar-se com artistas internacionais e outros festivais. Pro - porcionou ao Festival Internacional de Autores de Toronto uma oportuni - dade maravilhosa de se conectar com a Festa Literária das Periferias (Flup) no Rio de Janeiro, liderada por seu irreprimível diretor, Julio Ludemir. A abordagem da Flup para literatura, programação e publicação oferece uma estratégia completamente diferente para lidar com questões que nós, no mundo ocidental do livro de língua inglesa, lutamos muito para articular e ainda mais para responder.

[...]. “Somos feitos de sementes, poeira estelar e histórias. A transmissão de histórias é essencial para nossa sobrevivência, pois estas são nossas linhagens e nossos legados. Elas moldam quem somos, nos lembram onde estivemos e transmitem nossos sonhos para as gerações futuras. Usar nossa voz para expressar nossas próprias verdades é uma ferramenta poderosa de empoderamento e resgate. Uma forma de retomar as narrativas que foram contadas sobre nós. Uma das maneiras de fazer isso é pela narrativa oral — através da palavra falada”.

POETAS - POESIAS INDIGENAS

Sobre, Wescritor - Brasil – Tupinambá: “Wesley Amaral dos Santos, o Wescritor, tem 24 anos e é um tupinambá na Baixada Santista. O rapper aborda pautas indígenas e reverbera ancestralidade nas rimas. Transita entre letras de resistência, reflexivas, sobre amor e sentimentos. Nascido e criado em São Vicente, aos 18 anos mudou-se para Santos, onde mora atualmente”. <https://blognroll.com.br/pega-a-visao-isabela-dos-santos/wescritor-rapper-tupinamba/>

DE CIMA DA MINHA ALDEIA: De cima da minha aldeia vê-se a vida e mal se sabe se é de vida que lá embaixo se vive. Daqui de cima, olha-se frente ao mar. Como cara a cara, como encarar, escuta-se sua voz forte, ondas têm vozes. De longe, e pra longe, deixo os pensamentos nadarem... Daqui de cima é como não estar e se atentar, pois, se qualquer passo estranho adentrar, ataque! Legítima defesa se quiser chamar. É tudo nosso e sempre foi tão nosso, agora é tudo tão deles, inclusive a morte. Se pertencem tanto que matam e matam, e matam. Não só a natureza terra, mas a humana sangra. E no fim das contas nem cabe mais em contas, pois tudo que sangra a poesia hei de lavar. E no somar, no pesar, no chorar... sobra aquele que tem em comum com os poetas a dor de sentir e narrar.

RASGANDO O SERENO: Seguindo forte essa caminhada, como de nascença tô beirando a estrada, onde meu ancestral foi aniquilado da ponta da Costa até a Baixada. Sigo tranquilo pois retomada é passo a passo, mas é de maré que se enche a estrada, que alaga cidade, que anuncia o caos pros que tão de pé. A terra palpita fome & justiça. Não se abale com pouco, olha nós de novo. Eternizando toda voz de um povo sem melindre nesse teu conforto. Fixo olhar e atento, rasgado no canto, e com nossos cantos rasgando o sereno. “Katupituna pra você que vai”, já dizia meu mano Pytuna faz tempo. Katuara na aldeia é fé, mesmo começando sem ter nem o café. Força ancestral que segura a mente, força física é com meus parente. Reencontro dessa geração que bateu de frente muito antes do que cês chamam colonização. E mantém de pé catequização? 5 crianças mortas a tiro pela própria lei que mantém sigilo e falso restrito, falsa proteção. É chuva de flecha vindo desses céus e cobrindo o chão. Palavras errôneas no meu convívio tiram a porra da paz do que acredito, mas eu mentalizo... anuncio: daqui a poucos anos cês vão tá perdido. Tá pedindo arrego? Tá sentindo medo? É, ninguém mandou nos chamar assim: “pardo e preto”. Vem do gueto, da cidade e da mata! Respeita a palavra, é Oxóssi quem fala (por nós, por nós, por nós, por nós), guiando os passos desde os Bisavós (e todos atrás!).

Fotos: Reinaldo Cunha



GUIA INDÍGENA: Num queremos aprender inglês, e sim Tupi. Não me desculpe e só se desculpe... quando de fato se arrepender! Não só entender que meu povo sangra sem entender. 2019 retroceder, vocês devem tá cego, sem querer ver... Quer a dor do meu peito pra vocês ver? Toma, mas só não me culpa... quando o peso da obra deixar vocês, torta. Cê não sabe a luta? Então cala. Se cala, filha da puta! Direita e esquerda são más condutas. Eu me calo e no meio encontro a vida. É no seio a verdade que nos habita. É por ser verdadeiro que eu tô aqui! Vivão, vivendo a missão. Nas minhas letras, meu mano, eu nunca menti. Foi por essas canetas que transcrevi a força lá de cima que vem cair. Se for nessa resposta, eu agradei. E nunca parei, não, nunca, eu fui, exerci, tipo, todo dia. Tipo ser respirar por caligrafia Tipo livrar com ar minha agonia... Sabe, o livre é doar, cê vê bem na guia. Sim, bem na minha guia... E só toca se amar minha terra indígena.

ÍNDIO DAQUI: Você é índio daqui, cê já viveu por aqui, então honre os encantados que te protegeram aqui. Por todas as ruas, Tupi. Não foi à toa, nasci. Descalços pés na terra de Tupiniquim & Guarani. Parenta, fique viva, como disse Brisa. Dance, sorria, chore, seja água nativa. Percorra tuas mil léguas atrás de tua conquista, é que uma busca honesta vale mais que mil falsas tentativas. Some na trajetória, o espaço é para todos. Parente, não inveje o outro parente, isso é coisa de colono. Isso atrasa nossa força, impede esse retorno. Que a retomada seja simples: ser, mas sem ser dono. [E a minha verdade é apenas a do meu povo](#)... mais de 300 em Abya Yala, tenta nos cercar de novo?! Guenta que essa é nossa força! Peita o solo, chão e tronco! “Faça seu corpo brilhar”, já disse a força quem nós somos. E como caminhamos, acompanhados sempre. Desde pivete abençoado, salve São Vicente. Por todas as ruas quentes, crente que vamo virar! Tá pra nascer mais movimento do que esse meu girar. Então rasgo o peito, fala! Tá com maldade, rala! Se não somar na retomada, a onda vai te levar! É tanta semente no peito, nem parece que tá sem camisa. Pequeno menino pequeno, guerreiro de flecha assertiva. É tanta semente no peito, nem parece que tá sem camisa. Pequeno menino pequeno, guerreiro de flecha assertiva.

Foto: Divulgação



Escritor, ator, compositor e cantor. Indígena do Povo Tupinambá de Olivença, nascido e criado na Baixada Santista - SP, tem como objetivo levar consciência, amor, espiritualidade, força e igualdade para todos que se identificam com a sua expressão. É dono do selo artístico Palavrando e também integrante do grupo SOS. (<https://bit.ly/3W4L4Se>)

Foto: Divulgação

SARAH LEWIS é Ojibwe and Cree e artista de Spoken Word de Curve Lake First Nation, Ontário. Ela é uma orgulhosa integrante da equipe Peterborough Poetry Slam de 2019, bem como uma semifinalista nacional no Festival Canadense de Spoken Word 2019. Mais recentemente, foi selecionada como a primeira poetisa laureada de Peterborough, Ontário. Sua poesia destaca as lutas e, mais importante, a resiliência dentro das comunidades indígenas.



LEVE-OS PARA CASA - Ele se injeta em seu trauma. Em 5 segundos os últimos 500 anos correm por seu sangue, num romance quí-mico passando por suas veias, dores no estômago e palmas das mãos. Passa pelo seu sangue ruim como o padre que traumatizou sua infância, que não pôde ser purificada com água benta, agora vermelha, lembrando-o que ela própria fora roubada dos rios sagrados e das terras dos povos Swampy Cree. Ali estava o meu avô, ali estava eu. Aquelas são as minhas tias Theresa, Juliette, Marie, Meus tios Firman, Harry e Lou. E aí passaram Tina Fontaine, Colten Boushie, Chanie Wenjack, Pocahontas, até mesmo você e cada alma encontrada nesse mapa fraturado por separações Rotuladas como fronteiras, fruto da imaginação deles, destruindo a história da nossa criação Ele é o Índio pele-vermelha a que se referem as canções, que faz artesanato para vender. Eles querem o majestoso Pajé o cacique com um vistoso cocar e um machado na mão proferindo gritos de guerra O conhecedor da cultura nativa Não o que segura a garrafa ou a agulha em suas mãos Recebendo esmolas em dias de campanha “Toda criança importa” Mas até agora tudo o que vimos foram gasodutos e desculpas esfarrapadas Ele foi a criança que sobreviveu, e foi dessa forma que o indenizaram Só que pedidos de desculpas não servem para nada em sua cultura Eles nem te pagam nem admitem que têm uma dívida com você [para além de suas desculpas esfarrapadas]. Identificaram-no com o número 154, tatuado sob a sua meia Nome indígena apagado da memória, do vocabulário ele anda atrás de suas raízes nesta rua, neste quarteirão, neste país de 154 anos mas ele só as encontrará no dia de sua morte. Shkodeh era seu nome, pois sabiam que ele viria a ter fogo na garganta e precisaria cuspir sua verdade e deixá-la incendiar Menino, magoado e traumatizado por todas as vezes que disseram que queimaria no inferno se não limpasse a sujeira, clareando a pele parda. E disseram arrependa-se, arrependa-se Mas lhe despejaram aguardente pela garganta e desde então ele está no inferno. Nesta bela terra reivindicamos nossa liberdade e nos orgulhamos da diversidade à custa da liberdade dele e por causa de sua diferença. E eu sei que não preciso nem te contar a situação calamitosa dessas escolas residenciais Ou talvez eu precise. Milhares de túmulos, a impressionante repercussão na mídia e as porcarias que o governo declarou sobre esse assunto. ... Se é que falaram alguma coisa. E perdoem o modo de falar, mas nos arrancaram a língua. As bases desse país foram construídas sobre as sepulturas dessas crianças Uma história tão cruel é varrida para baixo do tapete com o peso da sua verdade E selada com a proposta de reconciliação 198 199 Mas como reconciliar uma relação que para começo de conversa nunca existiu? Deus sabe que você está cansado de ouvir pedidos de desculpa. Então, Criador, quero que os leve para casa Leve-os para casa. Bebês de olhos castanhos embaçados nascidos em banhos de cedro e defumadores envoltos em couro de alce e pele de búfalo Leve-os para casa, para o lugar das mil cerimônias do sol nascente Sálvia defumada em conchas de abalone dança na direção do sol A avó Lua dá lições sobre coragem, amor e humildade — nas quais resiliência não é um rótulo que se tem que aprender ou algo que se deva ter Criador, faça deles líderes maravilhosos em suas próximas vidas Porque eles não são apenas a parte sombria ou um capítulo vergonhoso da história do Canadá Eles são o 7º fogo que nossos profetas previram Renascendo das cinzas, quebrando vitrais e Retomando as tranças que foram cortadas. Eles curam puro amor Eles estão aqui com a gente Porque eles somos nós.



Cura, mas arde Um médico lírico, transcendendo verdades através do tempo e dos espaços que agora ocupo. Um crime se você ousar me tocar As mãos queimadas o lembrarão que meu sangue ainda ferve E palavras de reconhecimento de território não vão resolver isso Porque palavras de reconhecimento de território sem mudança São como pedidos de desculpa sem reparação [A invasão de terras e cursos de água é um ataque às comunidades e aos corpos das mulheres indígenas](#) E uma entrada não autorizada na fonte de nossas vidas As indígenas nutrem nosso futuro Alimentam nossos bebês com cerimônia. Bebês que crescem graças a lugares como o lago Pigeon O mesmo lugar que gera tanta reclamação da indústria hoteleira, para a qual nosso arroz selvagem / monoo-min é denso demais para seus esquis aquáticos atravessarem, é claro. A ironia de sua raiva, quando lhes tiram algo Como se seus esportes aquáticos fossem mais importantes que nosso sustento e sobrevivência Você berra absurdo e eu grito privilégio Cansei de ser rotulada de radical por querer água potável para nossas comunidades, sobrevivência de mulheres e os homens Indígenas vivos e prosperando, mas somos desprezados pelo Comando Azul, que nos promete segurança Cansei de ser punida por causa do pigmento Mas eu divago Mulheres Indígenas, a espinha dorsal do corpo que abusamos, nos mantendo juntos neste esqueleto fundido de concreto enferrujado Eles sempre me chamam de volta ao meu propósito. Meu poder. O meu corpo deslocado, minha casa. Dívida eterna com minhas avós, mães, tias, irmãs e amigas. Então, essa é pra você Miigwetch.

Foto: Divulgação



Juan Sant é um escritor indígena Tutunaku, México. Em seus escritos, ele torna visíveis as situações vividas por pessoas que migram do campo para a cidade. Temas como discriminação racial, abuso e violência social são abordados em suas obras, que alguns consideram poesia, já que em cada obra se destaca a particularidade com que Juan compõe e interpreta suas criações, onde a língua tutunaku (sua língua nativa) e o espanhol se misturam. (<https://bit.ly/3FwxNpP>)

ORIGINÁRIO: Eles nos tiraram nossas terras Nossos nomes E nos deram novos nomes Sobrenomes Nos obrigaram a viver escondidos A realizar nossos rituais em segredo E fomos varridos Como sempre Para a margem E fomos para as montanhas Plantamos nossas sementes E dos frutos dessas sementes Nossos filhos se alimentaram Com o passar do tempo Quiseram nos civilizar Nos impor uma religião Mas não! Não aceitamos Nós recusamos o batismo E eles nos chamaram de selvagens, Índios! Quiseram nos educar E como já disse um escritor Interrompemos nossa educação Para ir à escola E papai me disse, filho... Filho... Fale com eles em espanhol Para que te entendam Não! Não fale em nossa língua Isso te trará problemas Assim o fiz por alguns anos.

E quis pertencer a esta sociedade E quase esqueci quem sou Mas há um fogo dentro de mim Que nunca se apagou E um dia Um dia me levantei orgulhoso Dessa pele morena E do sangue Que corre em minhas veias Da minha língua materna Hoje sei muito bem quem sou Sei muito bem de onde venho E para onde vou Hoje sei bem quem somos Somos mais que indígenas Somos originários Originários Foi por isso que eles nos tiraram nossas terras Nossos nomes E nos deram novos nomes Sobrenomes Nos obrigaram a viver escondidos A realizar nossos rituais em segredo Fomos varridos Como sempre Para a margem E fomos para as montanhas Plantamos nossas sementes E dos frutos dessas sementes Nossos filhos se alimentaram Com o passar do tempo Quiseram nos civilizar Nos impuseram uma religião. Mas não! Não aceitamos Nós recusamos o batismo E eles nos chamaram de selvagens, Índios! Quiseram nos educar E como já disse um escritor Interrompemos nossa educação Para ir à escola E papai me disse, filho... Filho... Fale com eles em espanhol Para eles te entenderem Não! Não fale nosso idioma Isso te trará problemas Assim o fiz por alguns anos E quis encarar essa sociedade E quase esqueço quem sou Mas há um fogo dentro de mim Que nunca se apagou E um dia Um dia me levantei orgulhoso Dessa pele morena E do sangue Que corre em minhas veias Da minha língua materna Hoje sei bem quem sou Sei muito bem de onde venho E para onde vou Hoje sei bem quem somos Somos mais que indígenas Somos originários Originários.

Foto: Divulgação



E U SOU: Sou a noite Sou o dia Sou o sol Sou a lua Sou o ar Que respiras Eu sou a terra Eu sou a água Sou semente que brota Sou milho, sou fogo Tortilla na frigideira Sou um bebê no ventre De uma mulher indígena Sou filho da montanha Que canta como cantam Aves nas montanhas. Ei! Sou machete Sou tapanla Sou sombrero Sou huarache Eu tive fome E a terra me deu comida Eu escrevo Em sua memória Sou um riacho que passa No meio de um povoado Vou em direção ao rio E não penso em voltar Sou forte como o trovão Pardo como a terra Brilho ao sorrir 158 159 Sou muito mais que indígena Sou a noite Sou o dia Sou o sol Sou a lua Sou o ar Que respiras Eu sou terra Eu sou água Sou semente que brota Sou milharal, sou fogo Milho e massa no pilão Tortilla na frigideira Sou honesto com as pessoas do meu povoado Homens risonhos Alma sem dono Sim... Esse sou eu Sou guerreiro Sou nahual Sou coioite Uivando nas colinas No milharal Sou um bruxo Conversando com o fogo Fumaça e copal Sou pardo como esta terra Forte como o trovão Meu coração bate ao som de tambores de guerra Orgulhoso do sangue que corre em minhas veias Graças a meus ancestrais e meus pais, sou indígena Em qualquer lugar do mundo Mostrando que tudo é possível Quando você ama o que faz e tem orgulho de sua origem Viemos para dar tud do e muito mais Sou indígena Nessa grande cidade Meu nome é Juan Sant Meu nome é Juan Sant.



Foto: Divulgação



Abigail Llanque - Bolívia – Aymara - Nascida na cidade de La Paz - El Alto (Bolívia), chegou como imigrante em São Paulo no ano de 2008. Começou trabalhando na costura até criar seu próprio negócio. Autônoma, ativista urbana, rapper e mãe. **SEMPRE DE PÉ:** Venho de onde a terra toca o céu, tenho sangue ancestral Aymara em meu corpo, distante dos climas tropicais. Nossa maior “construção” tem mais de mil andares, elegante com seu poncho branco de Los Andes. “Illimani”, tão perto, mas tão longe, elegante com seu poncho de Los Andes. “Illimani”, carregamos você em nosso sangue. Mais de 3.500 metros de altura, resiste a minha cultura, pura loucura. A zona vermelha pode ser seu túmulo, andando por suas extremidades. A noite cai, os graus também. O jogo começa, fica bom. Cuidado, porque é traiçoeiro.

Sempre de pé, nunca de joelhos. Sempre de pé, nunca de joelhos. Vou avançando no mundo sem freios. Hoje os que eu deixo carrego no peito. Sou um viajante, não um estrangeiro, dou tudo de mim pelo meu sonho. Do terminal, partir, esperar, deixar para trás. Chuquiago Marka, nada mais será igual, vou sentir sua falta. Meu lar, lugar de onde eu vim, hábitat natural, que não se abandona nunca. Meu povo é forte e humilde, não desiste, sempre firme. Somos milhares vivendo em outros países, somos milhares que não esquecemos nossas raízes. Sempre de pé, eu e minha fé. Não foi em vão que cheguei até aqui, sempre levei lápis, papel e uma boa recordação dos lugares por onde passei.

SOMOS: Somos da raça que vive sendo arrasada pelo resto de sua vida, improvisando nossa resistência. Essa é a magia das velas, a magia andina, divina e ardente como o fogo que circula em minhas veias. “Warmis” clandestinas das ruas, e não runas 100% falsas. Ouvir minha cultura não parece uma aventura. Muitas pessoas nos discriminam apenas por nossa aparência, dizem que somos de outro mundo, com muita arrogância, palavras de ignorância. Não sabem o que falam porque não vivem isso. Todos nós dizemos a esses idiotas que não entendem, não compreendem minha cultura urbana. Nos chamam de zé-ninguém, de filhos de zé-ninguém. Os donos das gravatas, os políticos de bosta, que não fazem nada, são só ratos que roubam dinheiro. Força. Força, minha andina das alturas. Força, “Aymara”. Orgulho de ser “Abya Yala”. Levanto meu punho bem alto. Orgulho boliviano, raça guerreira ao redor do mundo, abrindo novos caminhos, lutando por mais de 500 anos, sobrevivendo ao estado colonial. Aqui está a minha gente, presente na diversidade. Sangue escuro que corre por essas veias de cores andinas, nativas. O vento como eco dos Andes, raízes e culturas ancestrais, com esses males querem nos separar. Paz, ideologia, divisão entre a nação. Qual é a situação? O denominador comum é a discriminação. Ouça o movimento e junte-se à luta. Sentimento e pensamento no comando, demonstrando unidade. A verdade latino-americana, levantando uma única voz de paz e união.



ANÁLISE CONCLUSIVA

Cabe inicialmente destacar, que não participo atualmente deste ativismo performático com trabalho com o corpo, gestual, articulação com sonoridade, fonemas, improvisos, rima, e cantos poéticos em espaço de teatro de arena. Pelo que pude observar com o rompimento da quarta parede por parte dos quatro concorrentes finalistas. E que a narrativa tinha conexões com a sua família, o lugar onde moram, e ou mesmo: a atuação em contexto urbano deslocados do habitat do seu povo. Tratavam-se de identidades étnicas raciais, de povos tradicionais e originárias. Não se tratava da arte de representar no palco, com atores performáticos. Embora enquadrados a planejada arena na Casa de Artes da Maré, e os textos divulgados em brochuras, site dos autores, blog e facebook. Como se tratava-se de uma disputa: Alguém seria escolhido pelos cinco jurados como o vencedor... ostentaria o troféu, e representaria o [SLAM COALKAN](#), em outras aventuras. E só um poderia ser escolhido. Até aí tudo bem: quatro finalistas representando o México, Brasil, Bolívia e Canadá. O simbolismo que os organizadores deram para a identificação do Continente Americano, e indenitário desse 'SLAM', foram duas aves: o Condor e a Águia. Para a comissão organizadora as duas aves, representam o reencontro dos povos indígenas na América. Embora o nome do nosso Brasil fosse Pindorama ainda na infância. Com a colonização a que fomos submetidos a branqueamento da pele, para nos tornar civilizados e por conseguinte, o esquecimento de suas raízes históricas como é o caso de nossos irmãos da diáspora preta e indígenas. Pois, se estamos falando de povos indígenas de Pindorama, de mais de mil línguas antes dos Franceses, Portugueses e Espanhóis pela conquista do Atlântico. Também não poderíamos dizer que foi o mesmo com os que aqui vieram com os navios negreiros? Voltando: a apresentação dos textos obedecia um sorteio por parte da Mesa, que chamava o escolhido para a apresentação. [...] "Ele traz poetas, rappers e artistas indígenas de todo o continente, tomando a palavra como encantaria para fazer denúncias, expressar sentimentos, contar histórias, falar da luta, resistência, traumas coloniais, trazer cura e defender a vida na terra. [No palco, artistas originários que vivem na encruzilhada da favela, periferia e aldeia](#) protagonizam uma retomada dos espaços. Pedem proteção às florestas, justiça pelo genocídio da população indígena urbana e das comunidades".

Na minha análise, todos os participantes que participaram direta ou indiretamente do SLAM COALKAN, foram vencedores. Em fim: "Um festival desde sempre associado à formação de leitores e autores nas periferias". O que permitiu um intercâmbio entre diversos povos. Mas, para além dos muros de identificação de estudo antropológico, etnográfico das diversas performances em uma semana de evento. Buscando entender o significado amplo de seus idealizados, assim eles distinguiram: [...] "Nossas publicações contemplam desde a torrida história de amor de uma ex-chefe do tráfico de drogas da maior favela da América Latina até um digital influencer que trabalha com narrativas queers, particularmente preocupado em salvar do suicídio jovens LGBTQIA+ que se deprimiram no embate com as conservadoras famílias evangélicas de nossas periferias. Agora estamos publicando a poesia produzida pela primeira geração de indígenas que tirou proveito das ações afirmativas implementadas no Brasil no início do século. [...] "Mas em meio ao povo preto e aos migrantes nordestinos também podemos identificar a presença dos chamados povos originários em nossas favelas, a maioria deles num violento processo de apagamento cultural. Um caso emblemático é o da rapper Kaê Guajajara, cuja família migrou para o Complexo da Maré, uma rede de 17 favelas no entorno da Avenida Brasil. Suas letras são contundentes denúncias da violência cometida contra seu povo, particularmente contra as mulheres indígenas". Resumindo o sucesso do SLAM COALKAN, nas palavras de Renata Tupinambá: SLAM COALKAN [...] "A América, mas conhecido no Sul como Abya Yala, na língua Kuna, que significa "terra madura", "terra viva", existem culturas e tradições antigas que carregam profecias sobre a união das diferentes nações indígenas. Uma das profecias é a da Águia e do Condor, presente nas narrativas Maia, Inca, da América central, Hopi do Norte, Q'eros do Sul e outras. Quando a águia do norte e o condor do sul voarem juntos é o despertar da Terra". [...] "[Como artistas da palavra falada, usamos o palco como nossa plataforma e nossas palavras como nossa arma](#). Se for esse o caso, esta antologia pode ser chamada de uma rebelião. E a transposição da nossa energia poética da performance nestas páginas e esperamos que seja sentida em cada palavra que você lê. É uma viagem poética onde a águia encontra o condor. Uma antiga profecia em ação através da união de 18 poetas indígenas do norte e do sul trazendo o palco para a página. Estas páginas contêm nossas realidades vividas, experiências, esperanças, sonhos e orações". Finalizando, concluiu dizendo que foi um sucesso o trabalho da comissão organizadora: Julio Ludemir; Renata Tupinambá; Rolland Gulliver; Jennifer Alicia Murrin, de todos os participantes:

CONDOR: Abigail Llanque; Auritha Tabajara; Brisa Flow; Edivan Fulniô; Fernanda Vieira; Ian Wapichana; Kandu Puri; Oxossi Karajá; Renata Tupinambá/ Wescritor; AGUIA; Bobby Sanchez; Ecoaborijanelle; Jennifer Alicia Murrin; Juan Sant; K'alli Luuyalkw; Kahsenniyo Kick; Sarah Lewis e Zoey Roy. Buscando um significado para Evento, eu encontro nas palavras de Jennifer Alicia Murrin: CO-CURADORA DO SLAM COALKAN; [...] "Esta antologia é a nossa contribuição. É a transposição da performance poética para as páginas de um livro. Estas são as palavras que vivem dentro de nossos corpos. Cada poema é um vislumbre de nossas experiências vividas. Durante a leitura, considerem como nossas palavras podem levá-los à ação". Eu modificaria apenas a palavra 'Ação' para fazer Revolução.

Foto: Divulgação/Google

